

# Servidores ameaçam parar FHDF

CORREIO BRAZILENSE

Auxiliares de enfermagem, técnicos de laboratório, agentes de saúde, secretárias e demais funcionários de apoio médico da Fundação Hospitalar realizam hoje, ato público, às 15h, no pátio do edifício das Pioneiras Sociais. A manifestação é liderada pelo Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviço de Saúde no DF (SEESS) e tem o objetivo de reivindicar melhores condições de trabalho para a categoria.

As 14h15min, uma caravana de 17 ônibus sairá das oito regionais da Fundação e a previsão do diretor do SEESS, João Matias, é de que cerca de três mil pessoas compareçam ao ato. "Entretanto, os centros de saúde e hospitais regionais não ficarão paralisados hoje, mas poderão ficar a partir do dia 1º de novembro, se a direção da Fundação continuar intransigente", disse.

— Nós somos a mola-mestra da Fundação. Se a gente parar, todo mundo pára. Médico não faz curativo, ficha ou dá banho nos pacientes. A categoria está mobilizada e propensa a utilizar de todos os recursos que o trabalhador tem — inclusive a greve — para

conseguir que suas reivindicações sejam atendidas — alertou.

## REIVINDICAÇÕES

Desde junho, quando a categoria parou por quatro dias, o sindicato vem tentando negociar com a direção da FH. Com a greve, os 14 mil funcionários de nível médio da entidade conseguiram 45 por cento de reposição salarial.

"Em maio, este pessoal não ganhava nem o salário mínimo. Hoje, os nossos vencimentos continuam baixos. A maioria não ganha além de Cr\$ 600 mil", disse João Matias.

As reivindicações básicas dos funcionários da Fundação são 30 horas semanais de trabalho, transporte e alimentação gratuitos, delegado sindical, atenuação salarial de 30 por cento em janeiro e julho ou 10 por cento a cada mês, pagamento de taxa de insalubridade e aumento salarial de 110 por cento do INPC.

## AGRESSÕES

Na opinião do presidente do SEESS, João Augusto dos Santos, os funcionários precisam ter boas condições de trabalho para atender bem à população, "Se o atendimento nos hospitais e centros de saúde do DF

não é bom, a culpa não é dos trabalhadores, mas da empresa, que não lhes oferece condições dignas para desenvolver suas atividades. Em consequência disso, os funcionários sofrem represálias por parte da população, inclusive agressões quase todos os dias", disse.

15 OUT 1985

João Augusto denunciou ainda que a Fundação Hospitalar paga atualmente Cr\$ 27 mil por refeição à empresa Sapole e apenas os plantonistas de 12 horas é que têm direito à alimentação. "Por causa deste contrato com a Sapole, que vai até 31 de janeiro de 86, a FHDF alega que não pode fornecer refeições para os demais funcionários", afirmou.

— Isso é uma espoliação do dinheiro público. Nunca vi refeição tão cara. A que é servida aos pacientes é mais cara ainda. Se a Fundação romper o contrato, ela é obrigada a gastar mais ainda com a empresa. É um absurdo — completou João Matias. Ele acrescentou ainda que possivelmente na quinta-feira próxima, às 19h30min, em local ainda não confirmado, será realizada uma nova assembleia da categoria.